



Esboços: histórias em contextos globais

ISSN: 2175-7976

esbocos@contato.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Gomes dos Santos Júnior, João Júlio
A história política na hora da virada transnacional: novas possibilidades de pesquisa
Esboços: histórias em contextos globais, vol. 26, núm. 41, 2019, -, pp. 67-83
Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2019v26n41p84>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=594063296007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



A HISTÓRIA POLÍTICA NA HORA DA VIRADA TRANSNACIONAL: NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

The political history at the transnational turn: new possibilities
of research

João Júlio Gomes dos Santos Júnior

Universidade Estadual do Ceará

joao.julio@uece.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2627-5558>

DOSSIÊ

Virada global: tensões, limites e desafios

A HISTÓRIA POLÍTICA NA HORA DA VIRADA TRANSNACIONAL: NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

RESUMO

Em 2011, o historiador francês Jean-François Sirinelli publicou o artigo “L’histoire politique du ‘transnational turn’; l’agora, la Cité, le monde...et le temps”. Neste texto o autor discutiu o lugar da história política na hora da “virada transnacional”. Jean-François Sirinelli é considerado um dos grandes intelectuais que buscaram renovar a historiografia francesa na década de 1980, naquilo que se convencionou chamar de “nova história política”. Nesse sentido, o texto supracitado pode ser visto como uma tentativa de resposta frente às novas tendências que vêm modificando algumas questões e propondo novas abordagens historiográficas. Nossa proposta é avaliar as ideias desse autor e confrontá-las com a agenda temática da história global para tentar apontar algumas possibilidades de pesquisa dentro da história política com vistas a superar o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo.

PALAVRAS-CHAVE: Nova história política. Virada transnacional. Jean-François Sirinelli.

THE POLITICAL HISTORY AT THE TRANSNATIONAL TURN: NEW POSSIBILITIES OF RESEARCH

ABSTRACT

In 2011, the French historian Jean-François Sirinelli published the article “L’histoire politique du ‘transnational turn’; l’agora, la Cité, le monde...et le temps”. The author discussed the place of Political History at the “transnational turn”. Jean-François Sirinelli is considered one of the greatest intellectuals that aimed to renew the French historiography in the 1980’s, in what has been called the “new political history”. In this sense, the text above mentioned can be considered “an answer” to the new trends that have changed traditional questions and that have also proposed new historiographical approaches. This article aims to evaluate the ideas of this author and confront them with the Global History agenda in order to suggest new possibilities of research in Political History to overcome eurocentrism and the methodological nationalism.

KEYWORDS: New political history. Transnational turn. Jean-François Sirinelli.



A Editora Autêntica publicou, em 2014, o livro *Abrir a história: novos olhares sobre o século XX francês*, de autoria do historiador francês Jean-François Sirinelli, especialista em história política e cultural do século XX. O livro foi originalmente publicado em 2013 pela CNRS Éditions e traduzido para o português já no ano seguinte. A obra é estruturada em sete capítulos que, por sua vez, são reproduções de trabalhos que tinham sido publicados de maneira difusa em revistas e outras coletâneas entre os anos de 2005 e 2012.

Neste artigo nossa atenção recairá sobre o último capítulo do livro, intitulado “A história política na hora do ‘*transnational turn*’: a ágora, a Cidade, o mundo... e o tempo”, publicado originalmente em 2011 na *Revue Historique*, periódico em que o próprio Sirinelli ocupa o cargo de editor chefe. Em nossa opinião, esse texto possui uma grande importância para a historiografia política contemporânea e merece ser explorado de forma mais detalhada.

Jean-François Sirinelli iniciou sua carreira como professor assistente em História Contemporânea na Universidade de Nanterre. Em seguida trabalhou na Universidade de Lille durante 11 anos até receber o convite para assumir uma cadeira de História Política e Cultural no século XX na prestigiada Foundation Nationale des Sciences Politiques, conhecida pela abreviação Sciences Po.¹

A formação de Sirinelli foi fortemente influenciada por seu orientador, René Rémond, ninguém menos do que o organizador da conhecida obra *Por uma história política*, publicada em 1988 (primeira edição brasileira de 1996). Esta obra é considerada um dos pilares que contribuíram diretamente para reabilitar a história política na década de 1980.² Inclusive, o próprio Sirinelli figura entre os autores dessa obra por ter escrito um capítulo no qual aborda a questão dos intelectuais, um dos seus principais temas de pesquisa ao lado da cultura de massa nos anos 1960.

As contribuições de Jean-François Sirinelli para a história política em particular e para a historiografia francesa em geral são relevantes e atestam um grande comprometimento acadêmico e profissional.³ Porém, a proposta deste artigo é destacar alguns elementos do capítulo objeto de análise e algumas observações feitas pelo autor em relação ao momento de virada transnacional que a historiografia contemporânea vive e, mais especificamente, pensar novas possibilidades de pesquisa que se abririam à história política a partir dessas novas tendências que vêm modificando a maneira de abordar a história.⁴

¹ A Foundation Nationale des Sciences Politiques e o Instituto de Estudos Políticos de Paris são considerados, pelo próprio Sirinelli (2014, p. 103), como os centros acadêmicos franceses que contribuíram diretamente para a reabilitação da história política.

² Ainda de acordo com Sirinelli (2014, p. 103), outra importante obra para a reabilitação da história política foi a de Serge Berstein e Pierre Milza, *Axes et méthodes de l'histoire politique*, de 1998 e ainda sem tradução para o português. A propósito, tanto Serge Berstein quanto Pierre Milza também participaram da obra *Por uma história política*, com os capítulos sobre “os partidos” e sobre “política interna e política externa”, respectivamente.

³ Para uma análise mais detalhada do *curriculum vitae* de Jean-François Sirinelli, ver: <http://spire.sciencespo.fr/hdl:/2441/9lab9r4se65i789685q56h2k/export/cv/cv-Sirinelli-Jean-François.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

⁴ Neste artigo decidimos não retomar o já repetido discurso do “retorno da história política” por considerarmos extremamente problemática essa narrativa que privilegia a historiografia francesa, considerando Jacques Julliard (1976), René Rémond (1994; 2003), Pierre Rosanvallon (1995; 2010), Serge Berstein (1998), entre outros, como os autores responsáveis pela reabilitação da história política. Do nosso ponto de vista, há um excesso de protagonismo da produção francesa na historiografia

Para alcançar esse objetivo, o presente artigo se dividirá em duas partes para além desta breve introdução. Em um primeiro momento, vamos explorar algumas definições e indicações desenvolvidas por Sirinelli no texto supracitado. Em seguida, vamos retomar alguns esforços da história global no sentido de romper com o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo em uma variedade de temas de pesquisa. Por fim, buscaremos elaborar uma reflexão que seja capaz de apontar caminhos e possibilidades de pesquisa aproximando as problemáticas da história política e da história global.

A ágora, a Cidade, o mundo... e o tempo

O artigo “L’histoire politique du “*transnational turn*”; l’agora, la Cité, le monde... et le temps” foi publicado em 2011 na *Revue Historique*. No ano seguinte, em novembro de 2012, Jean-François Sirinelli concedeu uma entrevista a Marieta de Moraes Ferreira, divulgada em 2013 pela *Revista Brasileira de História*. O momento da circulação dessa entrevista não poderia ser melhor, uma vez que coincidiu com a publicação original de *Désenclaver l’histoire: nouveaux regards sur le XXe siècle français*, obra na qual foi reeditado o artigo de 2011. Nessa entrevista, ao comentar sobre o seu interesse pela história cultural, Sirinelli destacou a necessidade de se pensar a história para além do marco clássico do Estado-nação:

Hoje em dia não se pode mais fazer uma história nacional desconectada do mundo, fala-se em *World Story*, pois nota-se de fato o crescimento de uma cultura de massa, de uma cultura mundial que leva a refletir de maneira transnacional. A legislação, na França, é uma legislação europeia. Será que a história francesa é uma história conectada? A história política estudou o Estado-nação. Mas hoje, na hora da mundialização, nem tudo se passa no Estado-nação, as decisões nacionais ultrapassam o país, somos confrontados com uma história que não pode mais ser nacional (SIRINELLI, 2012 *apud* FERREIRA, 2013, p. 411).

A resposta de Sirinelli demonstra a preocupação do intelectual em buscar novas maneiras de abordar a história política, mais condizentes com as transformações globais do presente. Entretanto, como realizar tal empreendimento? Quais seriam as estratégias metodológicas, narrativas ou conceituais sugeridas para alcançar esse objetivo? As respostas a essas perguntas, evidentemente, não foram desenvolvidas no curto espaço de uma entrevista. Para compreender melhor as ideias do autor sobre essas possíveis mudanças da história política, vamos analisar as considerações que tece em seu artigo de 2011.

brasileira, que acabou deixando de lado significativas contribuições de outras escolas historiográficas para os estudos da história política, tais como a americana (HIMMERLARB, 1987), a alemã (KOSELLECK, 1992), a inglesa (POCOCK, 2003); a portuguesa (BONIFÁCIO, 1993; 1999; RAMOS, 1991), e até contribuições dos estudos subalternos (CHAKRABARTY, entre 2000 e 2005). Além disso, esse debate já foi apresentado para o público brasileiro, com mais propriedade, por outros autores (FERREIRA, 1992; BARROS, 2008; 2012).

No texto, Sirinelli destaca que, embora a história política tenha vivenciado um ressurgimento nos últimos 25 anos, esse movimento teria sido “duplamente autocentrado”. De acordo com o autor (SIRINELLI, 2014, p. 104), a história política conversou apenas “moderadamente” com outras ciências sociais e pouco exercitou os “jogos de escalas cronológicos ou espaciais”, o que teria contribuído para o seu isolamento. Em sua opinião (SIRINELLI, 2014, p. 105), seria indispensável que a história política refletisse sobre os jogos de escalas para conseguir escapar dessas limitações.

Há, aqui, uma evidente referência à conhecida obra *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Essa obra foi organizada e publicada originalmente em francês, em 1996, pelo historiador francês Jacques Revel, um defensor do “princípio de variação” das escalas como metodologia de pesquisa (REVEL, 1998, p. 20). Ao estabelecer esse vínculo, Jean-François Sirinelli busca amparo metodológico para fortalecer as estratégias de pesquisa dentro da história política, especialmente para discutir a necessidade de reflexão sobre as influências mútuas nas esferas da “ágora, da Cidade e do mundo”. De certa forma, esse princípio já fora desenvolvido pelo próprio Jacques Revel quando afirmava não existir uma oposição entre as diferentes geometrias espaciais referidas:

O trabalho de contextualização múltipla praticado pelos micro-historiadores parte de premissas muito diferentes. Ele afirma, em primeiro lugar, que cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos – e portanto se inscreve em contextos – de dimensões e de níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe portanto hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista macro-histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais: é, e este é o segundo ponto, uma versão diferente (REVEL, 1998, p. 27-28).

Portanto, Jean-François Sirinelli parece estar em busca de uma definição mais específica sobre como a dimensão política poderia se beneficiar da variação de escalas. Nesse sentido, ele reconhece que, da mesma forma que a história política passou por uma renovação há 25 anos, a historiografia contemporânea também estaria assistindo a uma nova mudança, “[...] cujo nome, veremos, pode variar, mas que deriva daquilo que chamaremos, notadamente na esteira de Akira Iriye, o *transnational turn*” (SIRINELLI, 2014, p. 106).

O historiador Akira Iriye nasceu no Japão em 1934 e, atualmente, é professor emérito da Universidade de Harvard. Dedicou toda sua carreira ao estudo da diplomacia estadunidense e também das relações internacionais entre o Japão e os Estados Unidos, objetos caros à história política. Contudo, dada a extensa obra do autor nipo-americano, é extremamente difícil estabelecer qual seria o texto de Akira

Iriye que serviu de inspiração para Jean-François Sirinelli, uma vez que este autor não cita nenhuma obra específica.⁵

Se o artigo de Sirinelli não fosse de 2011, e sim de algum ano posterior, poderíamos indicar, quase sem medo de errar, que o autor francês estaria se apoiando na obra *Global and Transnational History: the Past, Present and Future*, publicada em 2012. Infelizmente, esse não é o caso. O mais provável é que a obra em questão tenha sido a editada em conjunto entre Akira Iriye e Pierre-Yves Saunier, intitulada *The Palgrave Dictionary of Transnational History* e publicada em 2009. Porém, como Sirinelli não cita Saunier ao lado de Iriye, não temos certeza. Talvez a resposta esteja na própria utilização da expressão *transnational turn*. Akira Iriye escreveu um pequeno artigo intitulado *The Transnational Turn*, publicado em 2007 pela revista *Diplomatic History*, em um número comemorativo dos 40 anos da Society for Historians of American Foreign Relations (SHAHR). Tal número contou apenas com a colaboração dos ex-presidentes da associação, que buscaram historiar a trajetória da instituição.

Esse texto de Akira Iriye é extremamente simples e, nele, o autor retoma algumas mudanças historiográficas dos últimos 40 anos, mostrando como algumas novas abordagens, mais condizentes com o mundo contemporâneo, foram incorporadas por alguns membros da SHAHR. Entre esses novos enfoques estão a história global e a história transnacional. De acordo com Iriye, “[...] mais e mais acadêmicos têm examinado os fenômenos históricos transnacionalmente, ao invés dos quadros nacionais individuais” (IRIYE, 2007, p. 376, tradução nossa).⁶ Contudo, por mais que o conceito de *transnational turn* (virada transnacional) apareça mencionado no título do artigo de Akira Iriye, a expressão não aparece no corpo do texto. Assim, o autor apresenta típicos objetos de pesquisa em história transnacional, do passado e do presente – tais como origens de impérios, guerras, comunidades regionais, migrações inter-regionais, doenças, problemas ambientais, direitos humanos e terrorismo –, sempre salientando o argumento da mudança historiográfica.

Em seu texto, Jean-François Sirinelli, ao contrário, não apresenta uma lista de possíveis objetos de pesquisa e nem exemplifica as novidades historiográficas a partir de livros ou artigos recentemente publicados. Assim, pela sua reflexão sobre os possíveis benefícios que os jogos de escalas podem oferecer para a história política, o intuito do autor parece ser mais teórico-metodológico. Para dar conta dessa tarefa, ele lança mão da metáfora “da ágora, da Cidade e do mundo”.

A ágora seria o lugar de troca e deliberação política. Este espaço se contraporiria ao âmbito da morada, que seria o ambiente por excelência da intimidade e da esfera privada. A ágora remeteria, assim, à democracia ateniense, ao Fórum romano e ao regime político representativo. Já a Cidade teria “[...] um sentido bem mais extensivo, englobando essa ágora mas ressitua-a no seio de um conjunto mais amplo do que o registro exclusivamente político: estamos aqui no domínio do viver-junto [...]” (SIRINELLI, 2014, p. 107). A Cidade, portanto, ultrapassaria a concepção de *pólis* e se tornaria algo ainda mais complexo do que um corpo cívico ou uma estrutura política.

⁵ No artigo de Jean-François Sirinelli, inclusive no original em francês, não são citadas as referências bibliográficas.

⁶ No original: “In some such ways, reflecting all these developments in the last several decades, more and more scholars have been examining historical phenomena transnationally, rather than in single national frameworks”.

Ainda seria necessário pensar o mundo em que essa Cidade e essa ágora estão inseridas. Para justificar esse intuito, o autor retoma a mudança – a “viragem transnacional” – que a historiografia estaria atravessando atualmente:

Nem por isso, esses dois círculos concêntricos da ágora e da Cidade bastam para caracterizar, por si sós, os jogos de escalas que essa história do político deve levar em conta. Há também uma dimensão mundo que não apenas lhe concerne, mas ocupa, além do mais, um lugar crescente nesses jogos. Seria, de fato, uma espécie de paradoxo a constatação de uma história política encolhida em camadas estreitas no momento mesmo em que historiografias francesa [sic] e estrangeiras exploram as pistas e as jazidas de uma história cuja enunciação pode variar, mas que, “conectada”, “global”, “transnacional” ou “mundial”, está de agora em diante atenta a essas dilatações do foco. Deixaremos aqui de lado a questão, aliás essencial, do uso de palavras que estão longe de serem sinônimas. Um fato, maior, permanece: há atualmente, nas práticas e nas curiosidades historiográficas, uma viragem transnacional. E mesmo sobre temas muito “nacionais” como a maior parte daqueles ligados à história política e que não teriam vocação, *a priori*, de ser englobados nos campos de uma *world history*, a dimensão mundial ou, mais precisamente, a relação com o mundo devem ser analisadas com atenção (SIRINELLI, 2014, p. 108-109, grifos no original).

A virada transnacional, portanto, estaria na própria raiz da ampliação do enfoque historiográfico. Nesse sentido, Sirinelli defende que a dimensão “mundo” precisa ser levada em consideração pela história política em uma articulação com as esferas da ágora e da Cidade. De certa forma, a novidade parece estar mais na metáfora em si, assim como na preocupação de pensar a história política propriamente dita, do que na ideia de variar os níveis de análise como uma resposta historiográfica.

O próprio Jacques Revel (2010, p. 443) já refletiu sobre essas novidades interpretativas e apresentou a sua metodologia da variação de escalas como uma alternativa possível frente às últimas inovações historiográficas. Com esse propósito, ele também salientou, em conjunto com uma colega britânica e um colega alemão, que a história transnacional não é um método, mas uma abordagem. E para aqueles que ainda se preocupam com a discussão de se ela é uma abordagem ou um método, os autores apontam que é mais do que isso: é uma realidade (FERRIS; REVEL; STRUCK, 2011, p. 575).⁷

Se a variação de escalas espaciais é uma ferramenta importante no contexto de virada transnacional, Jean-François Sirinelli (2014, p. 115-116) ainda defende a

⁷ Jacques Revel também escreveu o capítulo “A história redescoberta” no livro de *Por uma história-mundo*, de Patrick Boucheron e Nicolas Delalande (publicado em francês em 2013 e traduzido para o português em 2015), onde ele aborda a questão do eurocentrismo historiográfico a partir do trabalho do antropólogo britânico Jack Goody. Resumidamente, Revel reconhece a crítica ao eurocentrismo, mas aponta a falta de substância empírica e historiográfica do antropólogo. Porém, em nenhum momento o historiador menciona a importante contribuição à história da historiografia feita na obra *A Global History of Modern Historiography* (IGGERS; WANG; MUKHERJEE, 2008), na qual é abordado de maneira crítica o excepcionalismo historiográfico europeu.

sua aplicação cronológica. O último elemento de análise, o tempo, seria um objeto em si mesmo. Todas as comunidades humanas têm preocupações em medir o tempo, buscar seu sentido e transmiti-lo em uma narrativa. A história política deveria prestar atenção a essas relações não apenas de forma retroativa, mas também progressiva, em uma história do tempo presente (SIRINELLI, 2014, p. 119-120).

Contudo, o autor defende a necessidade de um distanciamento histórico mínimo em relação aos eventos analisados, afirmando a impossibilidade de realizar-se uma história imediata. Mesmo não querendo estabelecer um prazo mínimo, Sirinelli (2014, p. 122) aceita a ideia de um afastamento mínimo de 30 anos, até por questões arquivísticas. Isso não deixa de constituir um certo paradoxo, uma vez que o autor defendeu, no mesmo texto, a necessidade de os historiadores se adaptarem e serem os agentes da mudança historiográfica do seu tempo – referindo-se às novas tendências historiográficas advindas da virada transnacional (SIRINELLI, 2014, p. 114). Parece-nos que essa regra não se aplica, por exemplo, à atualização tecnológica e às possibilidades digitais que se abrem para a realização de uma pesquisa de história imediata, uma área que veio para ficar, diga-se de passagem (KELLY, 2006, p. 4; ALMEIDA, 2011, p. 16).

Em uma segunda entrevista, concedida em 2015 a Cândido Rodrigues (Universidade Federal de Mato Grosso) e Isabelle Clavel (Université Bordeaux-Montaigne), Sirinelli retoma, mais uma vez, tanto a questão da dificuldade em relação ao estudo do tempo presente, pela ausência de uma literatura preexistente, quanto do perigo de a história política permanecer apenas circunscrita ao âmbito nacional, já que, confrontada pela *World History*, poderia correr o risco de limitar seu campo de análise. Porém, ao ser questionado sobre a metodologia a ser adotada nesse processo de renovação/atualização da história política, Sirinelli volta a basear-se no conceito de “jogos de escalas” como estratégia para tentar superar o nacionalismo metodológico, não apresentando nenhuma outra estratégia ou alternativa (SIRINELLI, 2015 *apud* CLAVEL; RODRIGUES, 2015, p. 319).

Apesar disso, em outra obra publicada no mesmo ano de 2015, intitulada *Les historiens français en mouvement*, especialmente no artigo “Les histoires politique et culturelle à l'épreuve de la mondialisation” ainda sem tradução para o português, o autor parece ter mudado de opinião em relação às possibilidades que se abrem para o estudo da história imediata. Nesse novo trabalho, ele parece convencido de que, em um contexto marcado pelos avanços intelectuais e científicos e com o estabelecimento de uma rede mundial de telecomunicações, o historiador teria acesso a uma pluralidade de arquivos e fontes digitais que imporiam a interseção entre o Estado nação e o mundo. Para dar conta desse objetivo, Sirinelli lança mão da noção de “cultura mundo”, que seria capaz de produzir efeitos impressionantes, tais como o da “instantaneidade do desastre”, que o autor ilustra citando o 11 de setembro de 2001 como a “Guernica na CNN” (SIRINELLI, 2015, p. 2). Na sequência desse mesmo texto, ele apresenta, novamente, “a ágora, a cidade e o mundo” como modelo de análise dos jogos de escalas, excluindo a dimensão temporal.

Parece-nos que a única postura metodológica que Jean-François Sirinelli oferece como resposta concreta aos avanços da história global é a variação de escalas já proposta por Jacques Revel. Isso não deixa de ser curioso, pois, se a historiografia francesa está sendo confrontada com mudanças metodológicas e temáticas oriundas majoritariamente de outras tradições historiográficas, a solução, ao contrário, não é buscada fora, mas internamente. Aparentemente caberia à história política, portanto,

o papel de avaliar as alternâncias espaciais e cronológicas sem operar mudanças mais profundas sobre a sua própria agenda de pesquisa.

Novas possibilidades de pesquisa para a história política

Uma das contribuições mais importantes do movimento de reabilitação da história política na historiografia francesa foi, sem dúvida, uma agenda renovada, que se afastou da concepção tradicional de exaltação dos heróis, governantes e batalhas e ofereceu novos objetos de pesquisa. Para citar apenas alguns exemplos, passou-se a questionar o processo eleitoral, os partidos, a mídia, os intelectuais, as ideias, as religiões e até mesmo os condicionamentos da política interna na política externa (RÉMOND, 2003).

Há de se perguntar, portanto, sobre os possíveis ganhos temáticos que a história política poderia ter ao se confrontar com a agenda do *transnational turn*. Nossa proposta nesta seção não é oferecer um conjunto fechado de novos temas de pesquisa; muito menos propor a simples aplicação da agenda global ao objeto político. Pelo contrário, nossa intenção é mais modesta: visa apenas considerar de que forma, a partir de algumas coletâneas e obras específicas, os temas da história global podem suscitar novas possibilidades de pesquisa para a história política. Nossa ideia é que essas indicações não fiquem restritas à sugestão metodológica de variação de escalas.

Para dimensionar o tamanho do desafio que se segue, é preciso relembrar as mutações que a disciplina histórica sofreu na década de 1990. À medida que o mundo atravessava importantes abalos conjunturais, tais como a Queda do Muro de Berlim, o Massacre da Praça Celestial, o Fim da Guerra Fria, o Fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a Libertação de Mandela, entre outros, a historiografia ia se modificando na conjuntura pós-1989, ficando cada vez mais clara a necessidade de se encontrar maneiras distintas de se narrar o passado (IGGERS, 2010, p. 107). A questão é que esse processo de renovação narrativa foi acompanhado por disputas acirradas no campo acadêmico e muitas correntes historiográficas surgiram propondo sua imediata distinção em relação às demais (BARROS, 2014a, p. 104).

Conforme tal propósito de caracterização, apostou-se mais nas diferenças do que nas semelhanças entre essas abordagens. Para oferecer uma dimensão desse processo, basta citar que Diego Holstein (2015), em seu livro *Thinking History Globally*, apresenta uma classificação de 12 correntes historiográficas: história comparada; histórias relacionais; nova história internacional; história transnacional; histórias oceânicas; sociologia histórica; análise civilizacional; abordagem sistema-mundo; história global; história da globalização; história mundial; *Big History*.⁸ O número poderia ser ainda maior se explorássemos as divisões existentes dentro da corrente das histórias relacionais, que englobam a história conectada, a história compartilhada e a história cruzada (BARROS, 2014b). Entretanto, é possível encontrar dois princípios comuns a todas essas perspectivas, nomeadamente as

⁸ É preciso acrescentar que o próprio Diego Holstein considera que os *overlaps* (justaposições) dessas correntes ajudam a dimensionar os 4 “C”s que ele considera fundamentais numa pesquisa de história global: comparação, conexão, conceitualização e contextualização.

vontades de superar o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo (SANTOS JR.; SOCHACZEWSKI, 2017).

Tendo essas problemáticas em mente, passemos à análise de algumas obras. Talvez um dos primeiros esforços de mapear o campo da história global tenha sido realizado por Bruce Mazlish e Ralph Buultjens, na obra *Conceptualizing Global History*, publicada em 1993. Segundo Jerry H. Bentley (1995, p. 1), a proposta de Mazlish era diferenciar a *Global History* da *World History* enfatizando que a primeira era uma abordagem que tratava dos processos que tinham moldado o mundo globalizado do presente. Nesse sentido, algumas temáticas poderiam ser vistas como fatores dessa globalização, tais como as relativas à exploração do espaço, às comunicações via satélite, às ameaças nucleares, aos problemas ambientais, às empresas multinacionais, às migrações, às culturas musicais, à noção de direitos humanos; esses temas não se restringiriam aos limites do Estado nação e, portanto, deveriam ser abordados de forma a evitar-se o nacionalismo metodológico e o eurocentrismo.⁹

Se, no início dos anos 1990, a agenda da história global poderia ainda ser considerada tímida, o mesmo não pode ser dito depois de quase 30 anos de produção, divulgação e estabelecimento de redes de pesquisas, revistas científicas e larga produção editorial. A área se consolidou, como atesta a importante coletânea organizada por Jerry H. Bentley, em 2011, intitulada *The Oxford Handbook of World History*. A “tarefa da história mundial”, segundo Bentley (2011, p. 10) seria “construir historiografias que mitiguem, se não puderem eliminar, os problemas derivados do eurocentrismo e da fixação no Estado nação”. O livro é composto por 31 capítulos divididos em quatro seções (conceitos, temas, processos e regiões) e escritos por autores reconhecidos internacionalmente.

As regiões e os conceitos abordados nas referidas seções atestam a pluralidade que caracteriza esse tipo de produção. Nelas, são discutidas desde problemas epistemológicos ou de periodização até as mais variadas geografias oceânicas e continentais.¹⁰ Para evitar que nosso artigo fique enfadonho, vamos citar apenas os temas e processos, já que estamos mais preocupados com esses aspectos dos que propriamente com os teóricos, metodológicos e espaciais. No que diz respeito aos temas de pesquisa, a obra aponta para a história ambiental mundial; a história da agricultura; a história do pastoreio nômade; e a história dos gêneros. Também mostra as transformações dos Estados e as guerras; as religiões; a agricultura avançada; a história das tecnologias, da engenharia e da ciência. No que diz respeito aos processos históricos propriamente globais, o livro aponta para a história das migrações; a história do comércio eurasiático; a industrialização; a história das trocas biológicas; a história das trocas culturais; os impérios pré-modernos; e o imperialismo moderno.

No ano seguinte, em 2012, foi publicado o livro *A Companion to World History*, organizado por Douglas Northrop. A obra é composta por 33 capítulos escritos por diferentes autores e distribuídos em três partes. A primeira diz respeito às práticas

⁹ Bruce Mazlish não foi o único a apostar na diferenciação desses conceitos. Muitos seguiram seus passos. Ver, por exemplo: FICKER, 2014.

¹⁰ Na seção “conceitos” são debatidos teorias, geografias, periodização, modernidade, globalizações e epistemologia; na parte “regiões” aparecem reflexões, por exemplo, sobre o Leste asiático e a Eurásia Central, o Sul e o Sudeste asiáticos; também aparecem abordagens continentais sobre a África, a Europa, as Américas e a Oceania; por fim, os oceanos são debatidos a partir de análises da História Mediterrânea e das bacias do Atlântico e do Pacífico.

de pesquisa e às trajetórias acadêmicas, destacando-se as técnicas, os métodos, os públicos e as pedagogias. A segunda parte do livro traz categorias e conceitos subdivididos conforme estruturas, comparações e conexões. Evidentemente, há muitos temas que são coincidentes em ambos os livros. Porém, nesta segunda seção é possível identificar temas ainda mais distintos daqueles mencionados anteriormente, tais como: raças, corpos, pessoas, objetos, redes, ideias e doenças. Na última parte do livro, recebem destaque algumas regiões que produzem narrativas sobre o mundo, numa explícita tentativa de encontrar eixos alternativos ao predominante eurocentrismo historiográfico.

Uma terceira obra coletiva que vale a pena mencionar é *Architects of World History: Researching the Global Past*, organizada por Kenneth R. Curtis e Jerry H. Bentley (póstumo) e publicada em 2014. A diferença das demais iniciativas até agora mencionadas, que priorizaram um mapeamento do campo e o estabelecimento de uma diversificada agenda, essa obra convida alguns conhecidos historiadores para falarem sobre as suas trajetórias profissionais e de pesquisa. Tal estratégia abre espaço para uma “ego-história” que ajuda os leitores a perceberem quais foram as dificuldades, constrangimentos e oportunidades que surgiram ao longo da carreira de nomes como John R. McNeill, Merry E. Wiesner-Hanks, Kenneth Pommeranz, Dominic Sachsenmaier, Lauren Benton, David Christian e Kerry Ward. Neste livro, esses autores refletem sobre como se tornaram historiadores mundiais/globais.¹¹

É possível acompanhar, por exemplo, a virada temática da pesquisa de John R. McNeill, que, no início de sua carreira, estava preocupado com as finanças das empresas ferroviárias britânicas entre 1830-1860 e acabou se tornando uma das principais referências mundiais de história ambiental. Em seu influente livro *Mosquito Empires*, aborda questões de desmatamento, habitat do mosquito, crescimento populacional, migrações e seus impactos sobre estruturas de assentamentos, guerras e revoluções em paisagens da Venezuela até a Virgínia (McNEILL, 2014, p. 49). A propósito, os avanços internos dentro da temática da história ambiental são tamanhos que Frank Uekoetter (2010) já defende pontos de virada na história ambiental em sua obra *The Turning Points of Environmental History*.

Para complementar tal panorama de possibilidades temáticas, não podemos deixar de citar alguns trabalhos individuais de fôlego. Vale a pena discutir as contribuições de David Armitage, Laura Benton, Peter Linebaugh/Marcus Rediker e Carl Nightingale.

David Armitage é professor de Harvard e tem uma extensa obra publicada em diferentes línguas. Recentemente, publicou, ao lado de Jo Guldi, o influente *History Manifesto* (2014a), um poderoso libelo à centralidade da disciplina História, restituindo o seu prestígio perdido ao argumentar que é a única área que permite aproximações aos problemas do presente ao abordá-los da perspectiva da longa duração.¹² Porém, é no seu livro publicado em 2007, traduzido para o português em 2011, que encontramos um exemplo prático de como realizar uma história global. Na obra *Declaração de*

¹¹ Para uma análise mais criteriosa da obra, ver: SANTOS JR., 2015.

¹² A discussão foi ampliada no artigo que ambos publicaram na revista dos *Annales* (ARMITAGE; GULDI, 2015a), intitulado *The return of the longue durée: an Anglo-saxon perspective*, assim como no debate instaurado na *American Historical Review* com a intervenção de Deborah Cohen e Peter Mandler (COHEN, MANDLER, 2015) e com a réplica dos autores (ARMITAGE; GULDI, 2015b). Armitage (2015c) também defende uma virada da história intelectual.

Independência: uma História Global, o leitor é convidado a acompanhar aspectos do documento máximo do processo de independência dos Estados Unidos, desde suas características materiais, como a origem do tipo de papel, da tinta, etc., até o impacto causado pelo documento ao percorrer longas distâncias em um curto período de tempo graças à imprensa internacional; de fato, ele influenciaria, mais tarde, dezenas de processos de independência ao redor do mundo. Trata-se, sem dúvida, de uma provocante abordagem que nos leva a explorar as conexões materiais e intelectuais a partir de um documento.

Na obra *A Search for Sovereignty*, de Lauren Benton (2010), a atenção da professora da Universidade de Nova Iorque recai sobre os domínios dos mares e ilhas que geraram disputas jurídicas entre impérios. A autora aproxima o direito e a história mundial/global de uma forma que abre caminhos para a compreensão dos posicionamentos dos atores e suas hierarquias; das flexibilidades e longo alcance das culturas legais; assim como das continuidades regionais e globais de reconhecimento jurídico, num compartilhamento de elementos de um repertório legal moderno. A autora ainda destaca que essas disputas se manifestam até mesmo nas representações cartográficas, por exemplo.

Também será a partir das conexões atlânticas que Peter Linebaugh (Universidade de Toledo – Ohio) e Marcus Rediker (Universidade de Pittsburgh) trabalharão a problemática da *Hidra de muitas cabeças* (2008). Trata-se de um rico debate que estabelece pontos de contato, conexões, identificações e experiências comuns entre trabalhadores portuários, escravos, marinheiros, plebeus e até mesmo piratas. Essa história vista de baixo retoma aspectos silenciados do período moderno em uma ampla região com elementos comuns que constituem o que pode ser considerado uma cultura revolucionária.¹³

Por último, mas não menos importante, está o impressionante *Segregation: a Global History of Divided Cities*, de Carl Nightingale (2012). O professor da Universidade de Buffalo procura mostrar que a segregação racial nas cidades possui raiz antiga e foi uma prática adotada em diferentes cidades em vários continentes e em épocas distintas. Desde os zigurates; na época medieval; nas práticas coloniais em cidades como Calcutá, Manila e Johannesburgo; na Chicago dos anos 1960; ou até mesmo nos dias atuais; a segregação possui diversas facetas, adotando desde formas explícitas de separação racial até meios não declarados, como o atual sistema de comércio imobiliário.

A diversificação temática da história global só é possível graças ao salutar hábito de pensar para além dos marcos do Estado-nação e da perspectiva eurocêntrica. Assim, ao buscar fenômenos que ultrapassam os tradicionais limites historiográficos, os historiadores são confrontados com pesquisas em vários arquivos, em diferentes línguas. Por precisarem se habituar a outras tradições historiográficas, os autores são obrigados a repensar os limites da sua própria investigação. É nessa atitude de conectar, comparar, contextualizar e conceitualizar, para citar novamente os 4 “C”s de Diego Holstein, que a história política pode ganhar uma nova agenda temática, mais condizente com o período em que vivemos.

¹³ O Atlântico serviu como palco de interessantes debates sobre como abordar essa região. Ver, por exemplo, a terceira parte do livro *Atlantic History: a Critical Appraisal*, de GREEN; MORGAN, 2009 e a proposta de ARMITAGE, 2014b.

Uma conclusão: em busca de novas possibilidades de pesquisa

Acreditamos que a análise feita na primeira parte deste artigo no que diz respeito à proposição realizada por Jean-François Sirinelli – de pensar a história política a partir da virada transnacional – ajuda a demonstrar o necessário redimensionamento das pesquisas na área. Nesse sentido, é preciso salientar o inegável mérito do autor francês em formular a questão nesses termos. Contudo, ao mesmo tempo, também é preciso salientar o seu atraso.

O fato de a historiografia francesa ter de se questionar sobre o impacto da história global na história política nos ajuda a compreender o próprio momento historiográfico francês. Com efeito, enquanto que, para diversas tradições historiográficas, a história global é parte da realidade historiográfica dos últimos 30 anos, parece que a historiografia francesa, ou uma parte considerável dela, só percebeu agora a necessidade de pensar a história para além das bases nacionais e do eurocentrismo.¹⁴

Nesse sentido, não é de se admirar que a questão da renovação da história política não tivesse sido posta de maneira clara anteriormente. A agenda temática da história global já aborda a política de uma maneira renovada há muito tempo, com bastante qualidade e inovação programática, como vimos na segunda parte deste artigo. Não seria necessário questionar, portanto, as bases teóricas dessa mudança que já está mais do que consolidada.

No entanto, a premissa faz sentido para a historiografia brasileira. E, igualmente, isso diz muito sobre o nosso próprio desenvolvimento historiográfico. Parece-nos evidente o peso que a historiografia francesa tem na academia brasileira de uma maneira geral e na formação histórica de uma maneira específica. Essa influência se manifesta de diversas formas, tais como: na postura eurocêntrica de aguardar as inovações vinda daquela tradição; na demora editorial para a tradução de obras acadêmicas; na recusa em abraçar trabalhos colaborativos; na renúncia a realizar leituras em línguas estrangeiras; no receio em relação a pesquisas que se utilizem de arquivos digitais; ou no olhar “desconfiado” de colegas ao debater-se tendências que já tem 30 anos de idade (!).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Revista Aedos*, v. 3, n. 8, p. 9-30, jan.-jun. 2011.

ARMITAGE, David. Três conceitos de história atlântica. *História Unisinos*, v. 18, n. 2, p. 206-217, 2014b.

ARMITAGE, David. *Declaração de independência: uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁴ O próprio Sirinelli (2015, p. 2) avalia a necessidade de as novas gerações de historiadores franceses escreverem e divulgarem suas pesquisas em inglês sob o risco de perderem a relevância acadêmica devido aos limites linguísticos representados pelo francês.

ARMITAGE, David; GULDI, Jo. The history manifesto: a replay to Deborah Cohen and Peter Mandler. *American Historical Review Exchange*, v. 120, n. 2, p. 543-554, abr. 2015b.

ARMITAGE, David; GULDI, Jo. The return of the *longue durée*: an Anglo-saxon perspective. *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, v. 70, n. 2, p. 1-56, abr./jun. 2015a.

ARMITAGE, David; GULDI, Jo. *The History Manifesto*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014a.

ARMITAGE, David. A virada internacional na História Intelectual. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, v. 1, n. 1, p. 1-15, dez. 2015c.

BARROS, José D'Assunção. História Cruzada - considerações sobre uma nova modalidade baseada nos procedimentos relacionais. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 277-310, dez. 2014b.

BARROS, José D'Assunção. *História comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014a.

BARROS, José D'Assunção. História política: dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário. *Revista Escritas*, v. 1, p. 1-26, 2008.

BARROS, José D'Assunção. História social e retorno do político. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Giselda Brito; MATOS, Júlia Silveira (orgs). *Campos da política: discursos e práticas*. São Paulo: LP-books, 2012, p. 10-47.

BENTLEY, Jerry H. (ed.). *The Oxford Handbook of World History*. New York: Oxford University Press, 2011.

BENTLEY, Jerry. Review of Mazlish, Bruce; Buultjens, Ralph. Conceptualizing Global History. *H-World, H-Net Reviews*, August, 1995. Disponível em: <https://networks.h-net.org/node/20292/reviews/21058/bentley-mazlish-and-buultjens-conceptualizing-global-history>. Acesso em: 17 set. 2018.

BENTLEY, Jerry H.; CURTIS, Kenneth R. (ed.). *Architects of World History: Researching the Global Past*. West Sussex, UK: Wiley Blackwell, 2014.

BENTON, Lauren. *A Search for Sovereignty: law and geography in European Empires 1400-1900*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. O abençoado retorno da velha história. *Análise Social*, v. XXVIII (122), n. 3, p. 623-630, 1993.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima. *Apologia da história política*. Lisboa: Quetzal Editores, 1999.

BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas. *Por uma história-mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CHAKRABARTY, Dipesh. Una pequeña historia de los Estudios Subalternos. *Anales de desclasificación*. Documentos complementarios. [entre 2000 e 2005], p. 1-27. Disponível em: http://www.economia.unam.mx/historiacultural/india_subalternos.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

CLAVEL, Isabelle; RODRIGUES, Cândido. Entrevista com Jean-François Sirinelli. *Revista Territórios & Fronteiras*, v. 08, n. 01, p. 314-323, jan-jun 2015.

COEHEN, Deborah; MANDLER, Peter. The history manifesto: a critique. *American Historical Review Exchange*, v. 120, n. 2, p. 530-542, abr. 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A “nova velha história”: o retorno da história política. *Estudos Históricos*, v. 10, p. 265-271, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Entrevista com Jean-François Sirinelli. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 2012. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, n. 65, p. 407-412, 2013.

FERRIS, Kate; REVEL, Jacques; STRUCK, Bernhard. Introduction: Space and Scale in Transnational History. *The International History Review*, v. 33, n. 4, p. 573-584, 2011.

FICKER, Sandra Kuntz. Mundial, transnacional, global: un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2014. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/66524>. Acesso em: 13 maio 2015.

GREENE, Jack P.; MORGAN, Philip D. *Atlantic History: a critical appraisal*. New York: Oxford University Press, 2009.

HIMMELFARB, Gertrude. *The New History and the Old: critical essays and reappraisals*. 2nd ed. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2004 [1987].

HOLSTEIN, Diego. *Thinking History Globally*. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

IGGERS, Georg; WANG, Q. Edward; MUKHERJEE, Suprya. *A Global History of Modern Historiography*. Londres: Pearson/ Longman, 2008.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 4, p. 105-124, 2010.

IRIYE, Akira. The Transnational Turn. *Diplomatic History*, v. 31, n. 3, p. 373-376, 2007.

JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KELLY, T. Mills. The Role of Technology in World History Teaching. *World History Connected*, v. 3, issue 3, 2006. p. 1-9.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, v. 10, p. 134-146, 1992.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MCNEILL, John R. En Route to World Environmental History. In: BENTLEY, Jerry H.; CURTIS, Kenneth R. (eds.). *Architects of World History: Researching the Global Past*. West Sussex, UK: Wiley Blackwell, 2014, p. 30-55.

NIGHTINGALE, Carl. *Segregation: A Global History of Divided Cities*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2012.

NORTHROP, Douglas (ed.). *A Companion to World History*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2003.

RAMOS, Rui. A causa da história do ponto de vista político. *Penélope: fazer e desfazer a história*, n. 5, p. 27-47, 1991.

RÉMOND, René. Por que a história política? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 9-19, 1994.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 434-444, set./dez. 2010.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 15-38.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22, 1995.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

SANTOS JR., João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História Global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo [on-line]*, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v23n3/1980-542X-tem-23-03-483.pdf> Acesso em: 05 jan. 2018.

SANTOS JR., João Júlio Gomes dos. Os arquitetos da história global: trajetórias de pesquisa. *História da Historiografia*, n. 18, p. 289-294, ago. 2015.

SIRINELLI, Jean-François. A História Política na hora do “transnational turn”: a ágora, a Cidade, o mundo...e o tempo. In: SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a história: novos olhares sobre o século XX francês*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 103-124.

SIRINELLI, Jean-François. L’histoire politique du “transnational turn”; l’agora, la Cité, le monde...et le temps. *Revue Historique*, Paris, n. 658, p. 391-408, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Les histoires politique et culturelle à l’épreuve de la mondialisation. In: CAUCHY, Pascal et al. (dirs.) *Les historiens français en mouvement*. Paris: PUF, 2015. p. 1-6. (e-book).

UEKOETTER, Frank (ed.). *The Turning Points of Environmental History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010.

NOTAS

João Júlio Gomes dos Santos Júnior: Doutor. Professor Adjunto, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de História, Fortaleza, CE, Brasil. Av. Dr. Silas Munguba, Campus Itaperi, 60714-903, Fortaleza, CE, Brasil.



Como citar: SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos. A história política na hora da virada transnacional: novas possibilidades de pesquisa. *Esboços*, Florianópolis, v. 26, n. 41, p. 67-83, jan./abr., 2019.

ORIGEM DO ARTIGO

Neste texto, foram reunidas as considerações de uma série de palestras proferidas em eventos acadêmicos nas seguintes universidades: Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (2015), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2016), Universidade Estadual do Ceará (2016) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó (2018).

FINANCIAMENTO

Este artigo foi financiado com bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Deixo meu agradecimento a todos os interlocutores nas citadas universidades assim como aos pareceristas anônimos por suas contribuições.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY Internacional 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 26 de setembro de 2018

Aprovado em: 10 de dezembro de 2018

